

PROJETO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA UTF/BRA/083/BRA

NOVA ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA E SOCIAL DA AGRICULTURA FAMILIAR BRASILEIRA – UMA NECESSIDADE

TEXTO DE CONJUNTURA 1

Preços dos alimentos e Agricultura Familiar: evolução recente e implicações políticas

Por: George G. Flexor
CPDA/UFRRJ



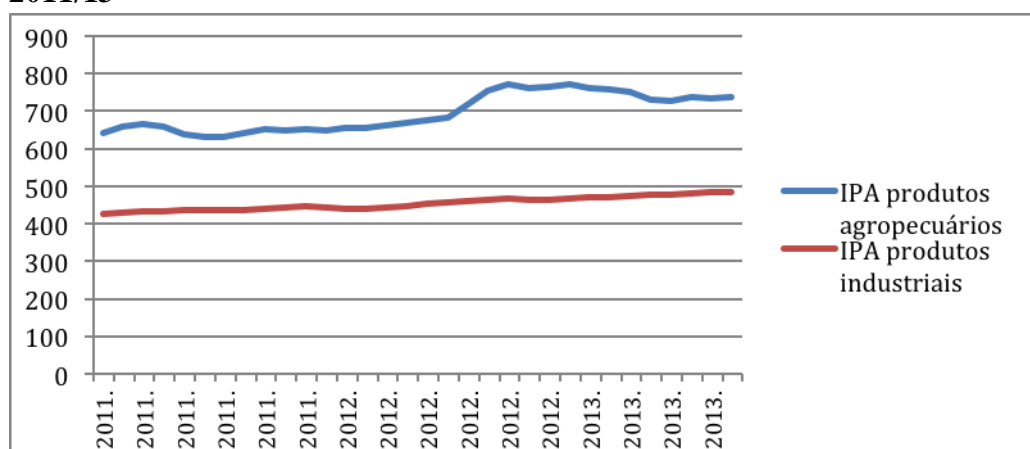
Preços dos alimentos e Agricultura Familiar: evolução recente e implicações políticas

Por George G. Flexor
CPDA/UFRRJ,
Setembro 2013

Este texto de conjuntura tem um duplo objetivo. Em primeiro lugar, busca fornecer um conjunto de informações sobre a dinâmica dos preços dos alimentos produzidos predominantemente por agricultores familiares. Em segundo lugar, tenta tecer considerações a respeito das implicações políticas e econômicas desta dinâmica. A importância dessas informações reside, entre outras coisas, no fato de que o comportamento dos preços dos alimentos afeta o bem estar dos agricultores, consumidores e empresários e representam uma fonte de preocupação para os governos. Como os agricultores familiares têm uma participação significativa na oferta de alimentos como mandioca, feijão, milho, leite, aves, suínos, frutas, arroz ou soja suas escolhas produtivas e condições de reprodução podem ter um efeito não desprezível sobre o comportamento dos preços e influenciar o clima político dos próximos meses. A atenção recente da mídia e do governo com os preços dos alimentos mostram o quanto essa questão é politicamente importante.

Antes de abordar o comportamento dos preços de diversos produtos agropecuários produzidos pela agricultura familiar brasileira, pode ser útil prestar atenção a dinâmica recente agregada dos preços dos alimentos. Como pode ser observado no gráfico 1, ocorreu um aumento gradual dos preços dos produtos agropecuários no atacado de janeiro de 2011 até agosto de 2013. Nesse período, o índice de preço por atacado para os produtos agropecuários avançou 15,01%, passando de 641,63 para 737,96. Igualmente, no mesmo tempo houve um aumento de 13,93% do IPA dos produtos industriais. Nesse sentido, o aumento dos preços relativos dos produtos agropecuários não parece expressivo.

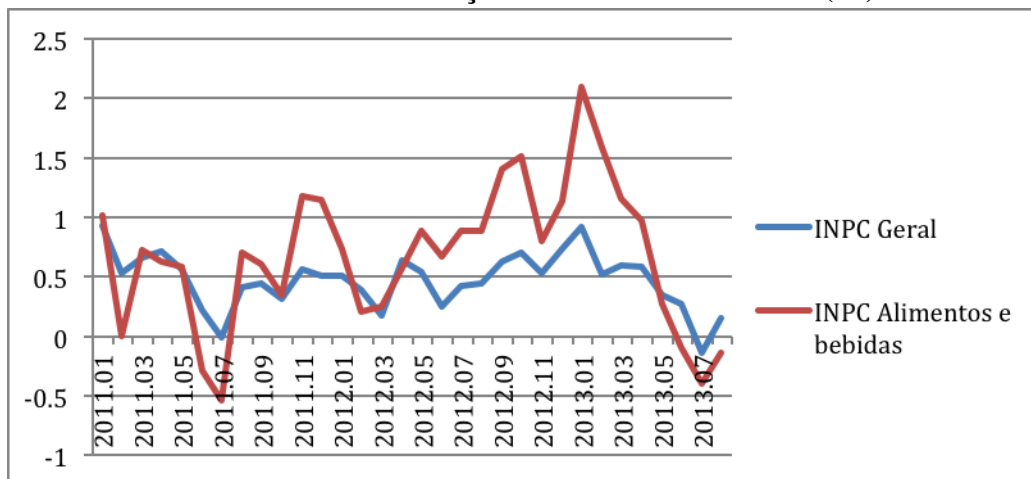
Gráfico 1. Índice de preço ao Atacado (IPA) - produtos agropecuários e industriais - 2011/13



Fonte: FGV e IPEADATA

A variação dos preços dos alimentos, possivelmente, permite entender melhor por que o governo e a mídia tenham dado uma atenção especial ao preço dos alimentos. Como pode ser notado no gráfico 2, uma das características mais específicas do comportamento dos preços dos alimentos é sua volatilidade. Comparando o INPC dos alimentos e bebidas com o INPC geral de janeiro de 2011 até agosto de 2013, observa-se certa correlação entre o comportamento desses dois índices. No entanto, os movimentos da variação dos preços dos alimentos e bebidas são muito mais amplo do que a inflação geral. A volatilidade diferenciada se traduz pelo fato de que desvio padrão do INPC desses produtos (0,6) ser mais do que duas vezes e meio superior a aquele do INPC geral (0,23). Este tipo de comportamento dos preços tende a fazer com que atores como o governo e a mídia, que geralmente baseiam sua atenção num conjunto de informação limitado, reagem com muito mais emoções a movimento de alta do que de baixa. Não por acaso, a variação de preços de 2,1% que ocorreu no mês de janeiro de 2013 teve repercussões políticas e midiáticas muita mais pronunciadas do que as sucessivas quedas registradas de junho a agosto de 2013.

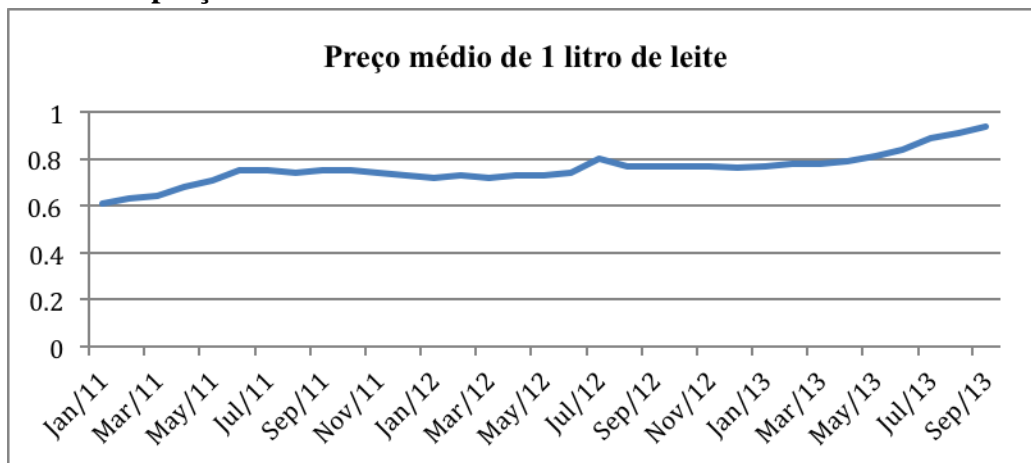
Gráfico 2: Índice Nacional de Preço ao Consumidor ao mês (%) - 2011/13



Fonte: FGV e IPEAdata

Se o tomate tornou-se um símbolo da inflação de alimentos devido a preços que chegaram a quase oitenta reais por caixa de 25 kg, quase oito vezes o preço registrado no fim de agosto, o comportamento dos preços do leite, do feijão, da mandioca, do milho, da soja e das aves são certamente mais úteis para analisar os efeitos distributivos da evolução dos preços relativos e as consequências políticas das mudanças nas condições de reprodução dos agricultores familiares. Observando o comportamento dos preços do leite (gráfico 3), constata-se a elevação do preço médio do litro de leite no Brasil. Desde janeiro de 2011, acumulou alta de 54%, passando de 0,61 para 0,94 reais por litro.

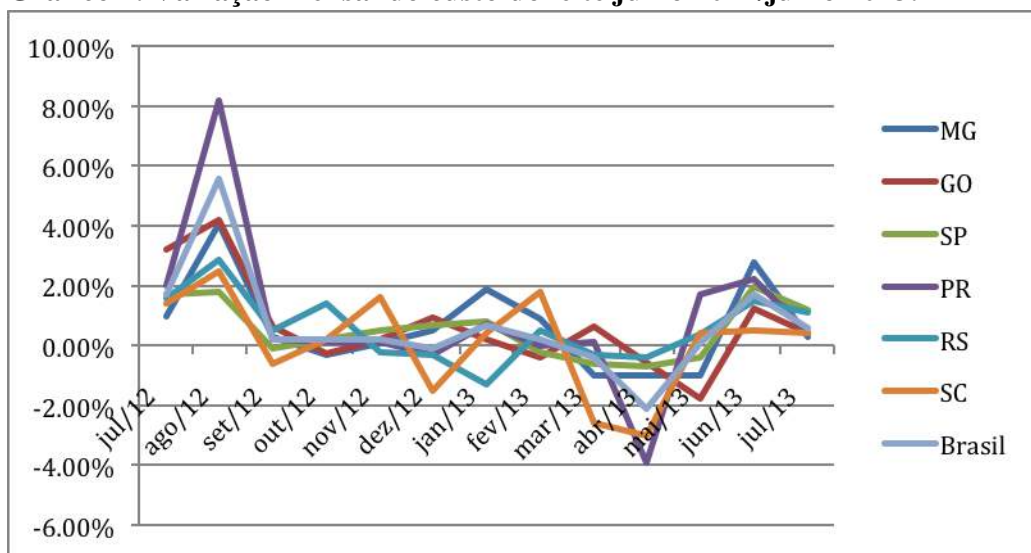
Gráfico 3. preço médio de um litro de leite no Brasil 2011/13



Fonte: AgroLink. www.agrolink.com.br

Este aumento do preço traduz fundamentalmente as dificuldades do lado da oferta num contexto de demanda aquecida pela melhora da renda. Como pode ser observado no gráfico 4, a variação mensal do custo do leite foi positiva ao longo do segundo semestre de 2012. Nesse período, a pressão de custo teve sua origem na elevação do preço da soja e do milho (ver abaixo), os principais componentes das rações, e no aumento do valor da terra - com preços crescendo cerca de 20% desde 2011 em muitas bacias leiteiras - e do trabalho (+25% desde janeiro 2011).

Gráfico 4. Variação mensal do custo do leite julho 2012/julho 2013.



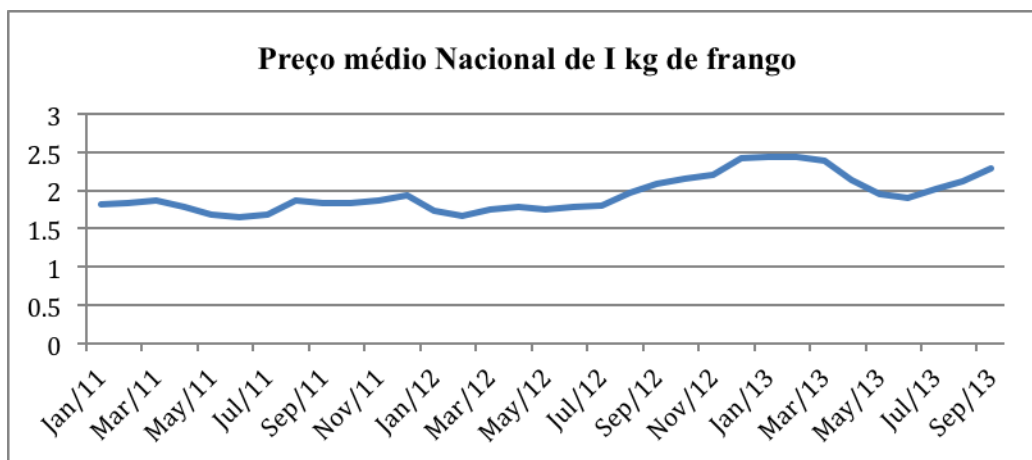
Fonte Cepea

O aumento dos preços do leite e o alívio nos custos proporcionados pela diminuição dos preços do milho e da soja a partir de 2013 fazem com que a atividade leiteira tenha recuperado boas condições de lucratividade ultimamente. No entanto, os ganhos estão cada vez mais concentrados num grupo restrito de produtores. Com efeito, segundo pesquisa recente da Milkpoint e Leite Brasil junta a 49 laticínios do centro-sul do Brasil, houve nos últimos anos

um intenso movimento de saída da pecuária de leite, o número de produtores passando de 930 mil em 2005/6 para 415 mil atualmente. Em termo distributivo, a evolução recente favorece os grupos de produtores com maior escala e as bacias leiteiras onde eles se concentram. Politicamente, pode incentivar a atuação de grupos de interesses específicos - patronais ou da franje mais consolidada da agricultura familiar - mais poderosos e ativos. Além de exercer uma voz mais intensa na condução das políticas para o setor leiteiro, esses grupos de produtores melhoram também a seu poder de mercado, o que num contexto de demanda aquecida implica maior rigidez de preço para baixo.

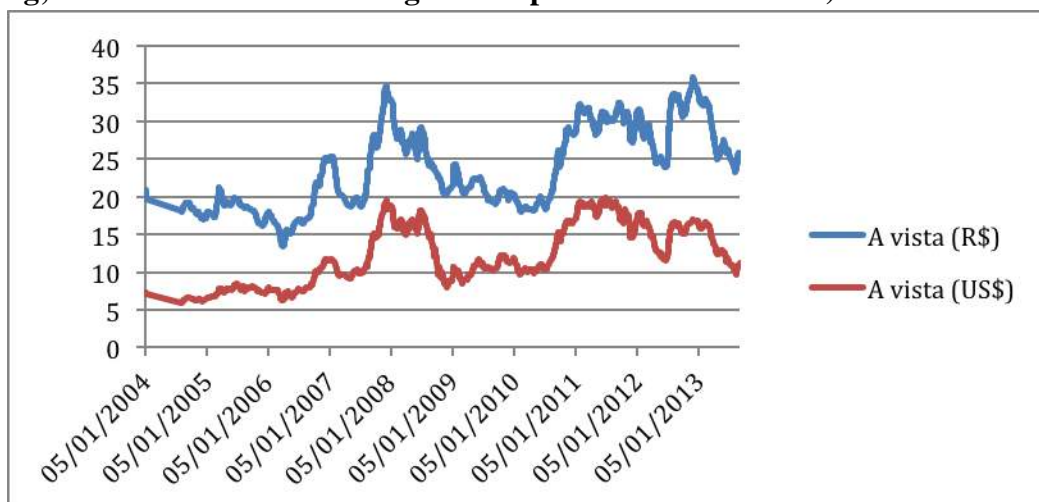
A situação na avicultura, outra atividade importante para os segmentos mais consolidados da agricultura familiar, apresenta traços semelhantes com a evolução recente da atividade leiteira. Observa-se no gráfico 5 que o preço médio de frango no Brasil apresentou alta de 25% de janeiro de 2011 até setembro de 2013. A alta reflete em parte o aumento dos preços do milho e da soja (gráficos 6 e 7) que são os principais elementos das rações. Como as cotações desses dois grãos apresentaram trajetória ascendente em 2012 devido em grande parte as expectativas de escassez gerada pela seca nos Estados Unidos, o custo das rações aumento. Num contexto de demanda por alimentos que se mantém alta por causa da melhoria da renda dos consumidores, a pressão de custos induziu a elevação do preço do frango. Para os produtores de frango, a diminuição dos preços da soja e do milho garante desde 2013 melhores condições de lucratividades

Gráfico 5. Preço médio do kg de frango no Brasil 2011/13



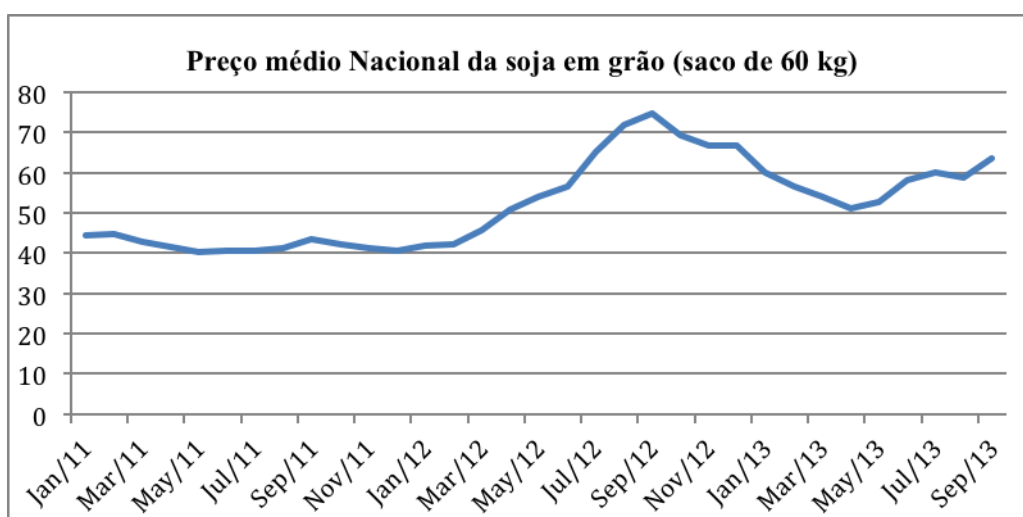
Fonte: AgroLink. www.agrolink.com.br

Gráfico 6. Indicador de preço de milho ESALQ/BM&F Bovespa (à vista por saca de 60 kg, descontado o Prazo de Pagamento pela taxa CDI/CETIP)



Fonte: AgroLink. www.agrolink.com.br

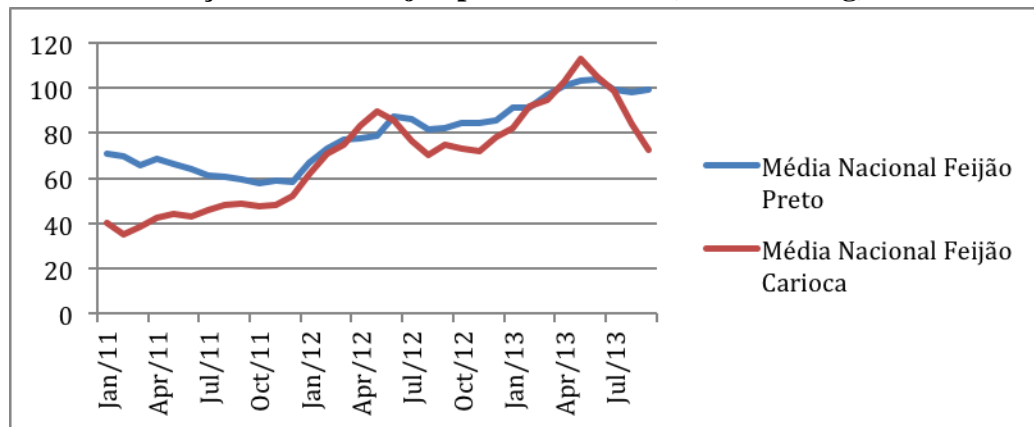
Gráfico 7 Preço médio da soja em grão no Brasil 2011/13



Fonte: AgroLink. www.agrolink.com.br

O feijão e a mandioca são dois produtos tradicionais da agricultura familiar e constituem alimentos fundamentais da segurança alimentar no Brasil. Além disso, são produtos que tem um forte componente sócio-espacial já que são particularmente importante na renda agrícola dos agricultores familiares do nordeste e do norte, as duas macrorregiões mais pobre do Brasil. Como mostram os gráficos 8 e 9, tanto os preços do feijão quanto da farinha de mandioca registraram alta desde o início do mandato da presidente Dilma Rousseff. O valor da saca de 30 kg de feijão preto, por exemplo, cresceu 40% nesse período. No caso do feijão carioca, o aumento foi ainda mais expressivo (+80%) apesar a intensa queda ocorrida desde maio de 2013.

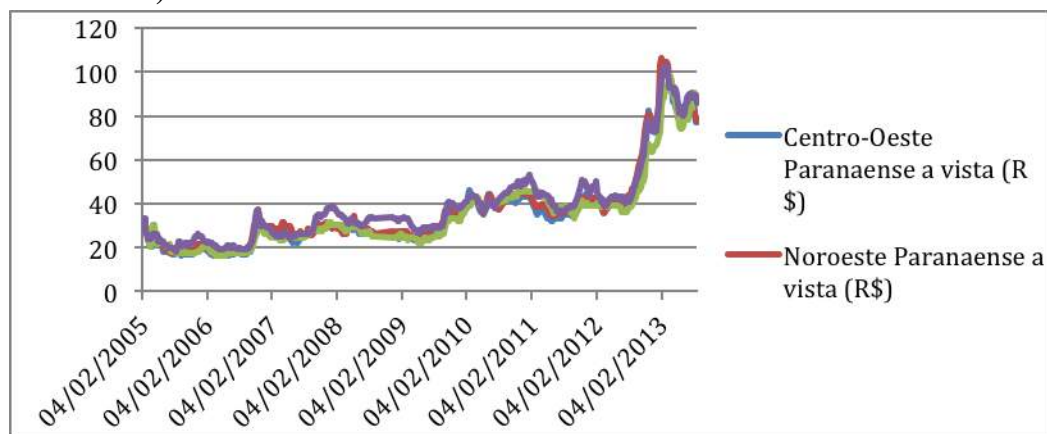
Gráfico 8. Preço médio do feijão preto e carioca (saco de 30 kg)



Fontes: Cepea

O preço da farinha de mandioca seguiu trajetória semelhante, acumulando alta de 79% de janeiro de 2011 até agosto de 2013. Tanto o caso da mandioca como do feijão, a alta de preço deriva de problema de oferta. Os custos variáveis (trabalho, insumos, transporte e despesas financeiras) cresceram fortemente nesse período, pressionando o custo marginal e, portanto, o preço. O custo da mão de obra, em particular no nordeste e no norte, é bastante importante nessas atividades. Desta forma, a melhora do salário mínimo e a baixa taxa de desemprego acabam elevando o custo de oportunidade de trabalhar na agricultura, impactando o preço do feijão e da mandioca.

Gráfico 9. Farinha de Mandioca Seca Grossa - Branca/Crua Tipo (R\$/sc de 40 kg - FOB Farinheira)



Fontes: Cepea

Cabe também destacar a baixa produtividade desses produtos agropecuários, situação ainda mais problemática no nordeste e no norte. Levantamento da Conab, por exemplo, mostram que, no caso da mandioca, os rendimentos por hectare nas regiões sul e sudeste são 70% superiores aqueles observados nas duas macrorregiões mais pobre do Brasil. Sem investimentos públicos em pesquisas agrônômicas e melhoria do sistema de assistência técnica é provável que este quadro de baixa produtividade e preços elevados permaneça, pelo menos até que a demanda se ajusta ao novo patamar de preços.

O conjunto de dados apresentados neste breve boletim apontam para dois aspectos importantes das condições de reprodução da agricultura familiar e da conjuntura política e econômica no qual suas escolhas produtivas se inserem. Em primeiro lugar, a inflação de alimentos que tanto ocupa a mídia e preocupa o governo deve apresentar uma trajetória mais calma nos próximos meses. Em segundo lugar, a melhoria das condições de lucratividade dos produtos agropecuários deverá ser benéfico para as franjes mais consolidadas da agricultura familiar do sul, sudeste e, em parte, do centro-oeste. O poder político e econômico desses agricultores não pode deixar de ser analisado assim como novas estratégias de desenvolvimento agrícola devem ser desenhada para a agricultura familiar do nordeste e do norte.